

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 59 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 1: Educação Profissional e Tecnológica, Comunidades e Extensão Popular

Valorização e construção de saberes a partir das plantas alimentícias não convencionais: relato da caravana agroecológica

Carla Teresa dos Santos Marques, Instituto Federal Baiano – *Campus* Serrinha. carla.marques@ifbaiano.edu.br;
Erasto Viana Silva Gama, Instituto Federal Baiano – *Campus* Serrinha. erasto.gama@ifbaiano.edu.br;
Edna Santana dos Santos, Discente do Curso de Tecnologia de Gestão de Cooperativas do IF Baiano – *Campus* Serrinha. ednasanttanakgs099@gmail.com;
Pâmella Kelly Andrade Barreto, Técnica em Agroecologia pelo Instituto Federal Baiano – *Campus* Serrinha, pamellakelly2015@gmail.com;
Fábio Pereira Santos, Técnico em Agroecologia pelo Instituto Federal Baiano – *Campus* Serrinha, fabiosantos12090@gmail.com

Palavras-chave: PANC, Agroecologia, Semiárido, Território do Sisal.

INTRODUÇÃO

O rompimento de processos colonialistas, necessariamente, perpassa pela dinâmica dos saberes dos povos do campo que foram submetidos à opressão, especialmente, trazida pela chamada Revolução Verde, que se inicia com a negação dos conhecimentos adquiridos por estes povos a partir de suas vivências e experienciações desenvolvidas ao longo de séculos de relações/convivências com os seus habitats (PINHEIRO, 2005; ALTIERI, 2012). Essa dinâmica opressora foi fortalecida nos sistemas educacionais, seja com a implementação dos órgãos oficiais de assistência técnica e/ou com as escolas pensadas para o campo, onde os técnicos e professores foram/são os responsáveis por depositar os conhecimentos em pessoas/ambiente desprovido deste (FREIRE, 1974; PINHEIRO, 2005).

O avanço do capitalismo sobre a alimentação, com o estabelecimento de padrões alimentares reduzidos a poucas espécies, cujas tecnologias utilizadas nos processos de produção e formas de consumo reduzem as garantias dos povos quanto à sua soberania e segurança alimentar, são resultantes do processo de negação de saberes/conhecimentos impulsionado pela modernização da agricultura. De acordo com a FAO (2015) a padronização alimentar tem se

intensificado ao logo das últimas décadas em todo o mundo, especialmente com o avanço das tecnologias de engenharia genética na agricultura, que tem acarretado o empobrecimento de sistemas agroalimentares e aprofundado as condições de subnutrição e desnutrição, sendo que as populações pobres sofrem as consequências dessa condição de forma mais agressiva.

De acordo com Tassi e Bezerra (2020), as concepções de soberania alimentar dialogam com a Agroecologia à medida que esta oportuniza às pessoas produzirem, colherem e consumirem seus próprios alimentos sem dependerem das grandes corporações agroalimentares. As Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) podem contribuir estrategicamente nesse sentido, tendo em vista que são plantas encontradas localmente e/ou em feiras livres e desempenham um papel significativo na alimentação e nutrição de populações tradicionais, porém não se encontram organizadas em cadeias produtivas e portanto, não estão sob o domínio do mercado neoliberal, fortalecendo as práticas e formas de vida da agricultura familiar camponesa de forma sustentável, autônoma, soberana e segura quanto à alimentação (BRASIL, 2010).

A Agroecologia busca desenvolver sistemas agroalimentares sustentáveis, ou seja, capazes de produzir alimentos nutritivos e acessíveis para todos, garantido a gestão e uso eficiente dos recursos naturais de forma que a satisfação das necessidades humanas nas gerações atuais e futuras não sejam comprometidas (GLIESSIMAN, 2015; FAO, 2017). Essa busca acontece por meio do resgate, valorização e construção de saberes dos povos campesinos, comunidades tradicionais e comunidade científica.

De acordo com Santos *et al.* (2018) as PANC podem representar um dos caminhos para a transição agroecológica, nas Comunidades Tradicionais do Semiárido, por possibilitarem o respeito e valorização dos aspectos sociais, culturais, nutricionais e econômicos destas populações.

Os saberes e conhecimentos sobre as PANC foram desenvolvidos localmente, a partir da relação íntima estabelecida entre os povos e os biomas onde vivem, a partir disso, receitas e preparações foram desenvolvidas gerando o que Cascudo (2004) chama de alimentos tradicionais.

O objetivo do presente artigo é apresentar a experiência de construção e valorização de saberes e conhecimentos, a partir das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), desenvolvido durante a realização do projeto de extensão Caravana Agroecológica: saberes,

práticas, cultura e educação no Território do Sisal, como estratégia de construção de conhecimento agroecológico.

DESENVOLVIMENTO

ASPECTOS E DIMENSÃO METODOLÓGICA

O presente relato foi construído a partir das experiências desenvolvidas pela equipe do projeto de pesquisa Propagação de Plantas Alimentícias Não Convencionais da Caatinga, envolvidos também na realização do projeto de extensão Caravana Agroecológica: saberes, práticas, cultura e educação no Território do Sisal, realizado de agosto a dezembro de 2019.

O projeto Caravana Agroecológica foi desenvolvido numa articulação encabeçada pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia do IF Baiano *Campus* Serrinha – NEA Abelmanto na forma de uma rede sociotécnica colaborativa que envolveu o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI), o Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes), o Grupo de Pesquisa Juventude, Ruralidades e Ação Educativa (JURÚS) e o Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Lavouras Xerófilas (XERÓFILAS), todos do Instituto Federal Baiano, e cerca de 15 organizações da sociedade civil em apoio, articulação e construção da Caravana.

Foram realizadas quatro edições da Caravana Agroecológica em escolas da rede municipal de Serrinha – BA, sendo uma escola urbana (Escola Municipal Plinio Carneiro) e três escolas do Campo localizadas nas comunidades de Canto, Subaé e Lagoa do Curralinho, as quais possibilitavam a congregação de pessoas de comunidades vizinhas. Na sua realização foram envolvidos cerca de 50 estudantes dos diferentes cursos do IF Baiano – *Campus* Serrinha, a partir dos projetos de pesquisa e extensão envolvidos e contou com a participação de mais de 800 pessoas.

A abordagem das PANC, na Caravana Agroecológica, foi levada com o propósito de proporcionar a discussão sobre a importância dos saberes dos povos e comunidades tradicionais para a construção do conhecimento agroecológico e o desenvolvimento de sistemas agroalimentares mais diversificados e promotores de segurança alimentar e nutricional.

AS TROCAS DE SABERES E DIÁLOGOS

A cada edição da Caravana Agroecológica, a equipe de estudantes e professores preparavam amostras de PANC encontradas na vegetação espontânea ou cultivadas no próprio *Campus*, nos seus quintais ou adquiridas na feira livre, para exposição e na forma de sucos e *in natura* para degustação dos participantes (Figura 01F).

Nas quatro edições, a forma de exposição adotada pela equipe consistia em amostras de PANC colhidas frescas e acondicionadas em embalagens do tipo sobremesa (Figura 01 A, G), expostas para apreciação dos participantes. A partir da curiosidade e surpresa das pessoas, se iniciavam o diálogo, a troca de saberes e relatos das vivências envolvendo as espécies de PANC, seus usos, formas de preparo, propriedades nutricionais e medicinais, a importância desses conhecimentos para a soberania e segurança alimentar, o preconceito quanto ao consumo de algumas espécies e a experiência de provarem outras, muitas vezes pela primeira vez.

A primeira edição foi realizada na Escola Municipal Plínio Carneiro, Bairro Cidade Nova, zona urbana de Serrinha (Figura 01 F). Essa edição foi marcada por muitas emoções e novidades, foi belíssimo ver crianças interessadas em conhecer mais sobre as PANC. Cada criança demonstrava uma reação diferente ao ver que plantas presentes no seu cotidiano poderiam ser usadas como alimento. Uma das crianças ficou maravilhada ao saber que a graxa-de-estudante (*Hibiscus rosa-sinensis* L.) poderia ser usada na alimentação e a maioria delas fez questão de provar os sucos de palma (*Opuntia ficus-indica* Mill.), folhas de umbu (*Spondias tuberosa* L.), de siriguela (*S. purpurea* L.) e de tamarindo (*Tamarindus indica* L.).

A segunda edição, realizada na escola municipal da Comunidade Canto (Figura 01B), foi marcante especialmente para os estudantes responsáveis por provocar as discussões sobre as PANC, por dois motivos: esta edição proporcionou o intercâmbio de experiências com os membros do projeto PANC Xique, quatro estudantes e a nutricionista Coordenadora do projeto, todos do IFBaiano - Campus Xique-xique e houve uma grande participação de moradores do Canto e comunidades vizinhas, um público bem diverso em relação à idade e bastante interessado no conteúdo, o que possibilitou uma intensa troca de saberes sobre as PANC e ampliação do conhecimento de todos os envolvidos.

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 63 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Figura 01. Exposição, diálogos e trocas de saberes sobre Plantas Alimentícias Não convencionais (PANC) na Caravana Agroecológica. A e B) Comunidade do Canto; C e D) Comunidade do Subaé; E) Sucos de PANC para degustação dos participantes; F) Escola Plínio Carneiro; G) Detalhe da forma de exposição das PANC. Fonte: Acervo do projeto Caravana Agroecológica, 2019.



.

A terceira edição foi realizada na Comunidade Subaé (Figura 01 C, D). Nessa comunidade as atividades da Caravana se concentraram no ginásio da escola municipal local. As PANC foram dispostas para exposição à comunidade, como nas demais edições e muitas foram as perguntas e a troca de saberes.

As crianças da comunidade chamaram a atenção da equipe pela aceitação e curiosidade em provar os sucos e PANC que estavam sendo expostas. Muitas delas relataram livremente a presença de algumas das espécies em seus quintais e o hábito de consumo em suas famílias. O destaque ficou por conta de algumas que insistiram e demonstraram muita naturalidade no consumo do Biribiri (*Averrhoa bilimbi* L.), provando o fruto *in natura,* além de fazerem questão de degustar os sucos de cada uma das PANC. A interação e troca de saberes sobre as PANC provocaram algumas pessoas da comunidade a irem até suas casas colher e trazer algumas amostras de espécies para serem compartilhadas com os estudantes do projeto e demais pessoas da comunidade. A exemplo do envolvimento da comunidade com a temática, pode-se destacar o relato de uma senhora: "*na minha infância costumava comer muito melãozinho-de-são-caetano (Momordica charantia L.), quando voltava da escola, e outras frutinhas que encontrávamos no caminho, essa era nossa merenda*". Esse relato evidencia que muitas PANC tiveram uma importância maior na vida das pessoas em gerações anteriores, mesmo que hoje estejam esquecidas ou desvalorizadas e essa situação de desuso de muitas PANC acarreta em fragilidade com relação ao risco de perda desses materiais (BRASIL, 2010).

A quarta edição ocorreu na Comunidade Quilombola Lagoa do Curralinho. A maioria dos participantes foram crianças estudantes da escola-creche onde foi realizada a Caravana e seus responsáveis, na maioria mulheres, mães e avós. A curiosidade e as reações das crianças em conhecer e provar as PANC, seja *in natura* ou na forma de sucos, demonstra o quanto a aceitação por alimentos saudáveis é melhor estimulada na infância. As crianças foram em um curto período de exposição e experimentação das PANC, motivadas de tal modo, a ponto de não se contentarem apenas em provar, mas queriam que os colegas, pais e professores também provassem e conhecessem novas possibilidades alimentares.

REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES

A experiência possibilitou a troca de saberes intergeracionais entre crianças, jovens, adultos e idosos, sendo especialmente os jovens estudantes do Instituto Federal Baiano, colocados na condição de mediadores do processo de troca de saberes intergeracionais nas comunidades visitadas. Mais que isso, experiências dessa natureza proporcionam a troca de saberes e construção do conhecimento por parte de estudantes, professores e comunidades onde todos são valorizados, reafirmando que a "*Agroecologia [...] leva em consideração os saberes locais dos agricultores familiares*
camponeses no diálogo de conhecimentos onde são aplicados os conceitos e princípios ecológicos, sociais e econômicos" (SOUZA e BEZERRA, 2018. p.2.).

Outra questão a considerar e refletir é que espaços como os proporcionados pela Caravana Agroecológica potencializam as trocas de saberes e construção de conhecimentos, de forma integrada e, portanto, possibilitam aos estudantes da educação profissional e tecnológica, em especial do curso de Agroecologia, um espaço formativo dinâmico que antecipa para os futuros profissionais situações reais de exercício do profissional do agroecólogo.

As plantas alimentícias não convencionais como elementos geradores dessa troca de conhecimentos possibilitam o envolvimento intergeracional, despertando o interesse de crianças a idosos. E, dessa forma, podem atuar como elementos estratégicos nas comunidades para a valorização e o respeito do conhecimento acumulado pelos idosos, potencializar a troca de sementes, e a preservação do patrimônio agrobiocultural destas populações, no que diz respeito a segurança e soberania alimentar.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012. 400p.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Hortaliças não-convencionais**: (tradicionais) / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília: MAPA/ACS, 2010. 52 p.

CASCUDO, Luis da Câmara (1967). **História da alimentação no Brasil**. 3ªed. São Paulo: Global, 2004. p. 15.

FAO, Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura. **Construyendo una visión común para la agricultura y alimentación sostenibles**. FAO, Roma: 2015.

FAO, Organização das Nações Unidas para à Alimentação e a Agricultura; OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. **Panorama da segurança alimentar e nutricional**: sistemas alimentares sustentáveis para acabar com a fome e a má nutrição – América Latina e Caribe, 2016. FAO/ OPAS: Santiago, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GLIESSMAN, S. R. Agroecology: A growing field. **Journal Agroecology and Sustainable Food Systems**. Volume 39, 2015 - Issue 1. doi: https://doi.org/10.1080/21683565.2014.965869. Acesso em 22/08/2020.

PINHEIRO, S. **A máfia dos alimentos no Brasil**. Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil - FEAB. 2005. 280 p.

SANTOS, Edna Santana dos; SOUZA, Karolina Batista; MARQUES, Carla Teresa dos Santos; GAMA, Erasto Viana Silva. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Território do Sisal. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018. Disponível em: http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/883/395. Acesso em: 13 de setembro de 2020.

SOUSA, Romier da Paixão; BEZERRA, Islandia. Agroecologia: a ciência dos sistemas agroalimentares e dos territórios mais sustentáveis. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 13, n. 2, mar. 2018. ISSN 1980-9735. Disponível em: http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/22691. Acesso em: 13 sep. 2020.

TASSI, Érika Maria Marcondes; BEZERRA, Islandia. A soberania alimentar que desperta e aprofunda os saberes em direitos por terra, por comida de verdade e por igualdade de gênero. **Em Extensão**, Uberlândia, Edição Especial, p. 42-52, maio 2020.